

Os sucessos do Porto

Se pretendessemos conquistar as multidões populares com atos de incondicional solidariedade, para nos enfeitarmos com o pomposo distico da popularidade; se a nossa ação jornalística fosse movimentada por impulsos dum anacrónico setarismo — seria todo óssanas e encomios o artigo de agora. Quando mais não fosse, para bemquistar a entidade protagonista dos acontecimentos portuenses e atendendo á sua filiação politica.

Mas, como não nos deixamos seduzir pelas miserias conveniencias dum baixo e medieval partidarismo e porque não queremos empanar o brilho da nossa imparcialidade, vamos com todo o desassombro transmitir para aqui as considerações sugeridas pelos sucessos ultimos.

Dis-se, e geralmente o apregoam os bons republicanos, que estamos e vivemos ainda num periodo revolucionario.

Assim deveria ser, e tal afirmativa mereceria da nossa parte a mais calorosa defesa, se revolução significasse o continuado de fatos, tendentes a modificar a estrutura politica do organismo do Estado.

Nestes termos deveria persistir porque, para a construção do edificio do Portugal novo, muito lixo há, ainda, a remover dos escombros do regime passado.

Sucede, porem, que no pregão de vigencia do periodo revolucionario, há muito de impreciso, vasio de sentido, e como que imposto ao sabor das conveniencias.

Dir-se-ia que essa formula fóra inventada como o remedio salvador e justificativo de todos os maleficios e de variadas especies de violencias.

Nem que assim seja, o que indica contudo, no nosso fraco parecer, é um imperfeito conhecimento do significado politico do termo *revolução* e evidencia, infelizmente, pessimas qualidades de faciosismo e intolerancia — essas mesmas que caracterizavam os partidos da monarchia e apressaram a sua vergonhosa derrocada.

Mal ou bem, entendemos que uma Revolução compô-se de dois periodos bem distintos.

A revolução, ato material—cujo teatro é a rua—que, pela força das armas e mercê duma boa estrategia, consegue expulsar dos seus lugares os simbolos vivos e representativos do regimen inimigo; a revolução, ato intelectual—do poder e na lei—agindo fóra da orbita das leis herdadas e preparando com energia e confiante serenidade o ambiente politico do ideal vencedor.

Ao primeiro momento assinamos uma curta duração.

Prolongado, duradouro, gerará a desordem, a guerra fratricida, e poderá levar a nação a convulsões sem néscio, inexplicaveis, que, embora não prejudicando a integridade patria, causam, apesar de tudo, nos centros civilizados a desconfiança, a animadversão e, porventura, uma pesada mas justa atmosfera de antipatia.

O segundo deve prolongar-se durante tanto tempo quanto o necessario para a completa transfiguração do modo de sêr politico e social dos órgãos juridicos e politicos do Estado.

Enfim o imprescindivel para a integração plena e enraizada do ideal vitorioso no espirito publico.

Do contrario resultará o abastardamento da obra revolucionaria e quiçá apenas a simples substituição numa fórmula politica daquilo que ela tem de mais insignificante e de menos prejudicial sob o ponto de vista pratico.

E' por estas razões, talvez de nulo valor, que advogando nós a continuação do periodo revolucionario, censuramos, ou, melhor, não podemos aplaudir os sucessos do Porto—os ultimos, bem o crêmos, na escala da justiça popular.

Porem, não obstante os motivos determinantes das considerações já expostas, manda a verdade dizer que semelhantes fatos encerram uma eloquente lição:

O povo, com toda a sua ignorancia e agindo mais por impulso duma doentia e sensível irritabilidade, a ensinar, sem o saber, áqueles que em seu favor teem poderosos recursos intelectuales, o caminho que, desde o principio, deveriam ter seguido sem tibiesas de animo e indecisões de vontade!

Quanto melhor seria encerrar, desde logo, e ao abrigo dos latissimos poderes conferidos pela massa revolucionaria e sancionados pelo consentimento tacito de todo o país, esses centros partidarios se, afinal, antros de politica retrógrada e absolutamente deslocados da dinamica da civilização moderna!

Quanto preferivel proibir a circulação de jornaes monarchicos, sobejando para tal o irrefutavel argumento de representarem o regime que, em cinco de Outubro, afundou para sempre sem um gesto capaz de legitima defesa!

O ideal a quem a moral nega fóros de autoridade, por maculado das inapagaveis nódoas do roubo e da devassidão.

Seria mais legitimo, mais nobre e muito mais digno.

E ao povo furtariamos o ensejo de se iniciar no regimen da vindicta.

Velhos tempos

Aos que já nada podem fazer no presente, talvez porque o cansaço os derrubou precisamente quando se realizava o sonho, a aspiração de toda a sua vida, é agradável ás vezes volver os olhos para o passado e contemplar, através das suas sombras, numa visão interior e sempre grata, certos factos de luz que, aparecendo e desaparecendo, foram assinalando etapas que na historia ficaram, como marcos milenarios, a atestar o valor, a heroicidade e a grandeza das gerações extintas. E os restos dessas gerações a quem, embora animados por um sopro de vida, o destino está impelindo para o aniquilamento e a ruina, não podem alimentar outra cubia que não seja a de se embriagarem com a

capitosa recordação daquilo que já foram ou viram.

Pouco me deve, certamente, a causa republicana portugêsa, que não fosse uma propaganda tenaz e constante, á custa de muitos dissabores e até de perseguições irritantes. Mas isso pouco monta, e o meu esforço insignificante desaparece e esvai-se ao recordar uma das grandes figuras desaparecidas, a cujo lado tive a não pequena honra de trabalhar, e cujo 15.º aniversario funebre agora passa:

Manuel Viana!
Parece que foi ainda hontem, e já lá vão vinte anos! Como eu me lembro!... Abandonados á mesma mês, comungando no mesmo ideal, embevecidos no mesmo sonho, enchiamos tiras sobre tiras para a *Ideia Nova*, o antigo semanario republicano superiormente



MANOEL VIANA

Apiaxonado republicano barcelense, falecido a 24 de fevereiro de 1896 VIVOS.

dirigido pelo nosso querido chefe de sempre, dr. Martins Lima. E foi hontem ainda! Quando se atingem os cincoenta, quasi se perde a noção da celeridade do tempo. Mas quantas recordações saudosas não traz esse hontem ao coração dum velho, que vai vivendo em mente as lutas espantosas em que veio empenhado esse rijo combatente, que esteve sempre na vanguarda das hostes republicanas do seu tempo, sem desalentos nem titubeações, batalhando com entusiasmo louco pela emancipação da Patria, que amava tanto.

Manuel Viana era um verdadeiro fanatico pelos ideais democraticos. Mas o seu fanatismo cimentava-se nessa fé inabalavel que transporta montanhas, essa convicção resistente que faz milagres e prodigios e sem que não é possível o triunfo duma causa. Esses ideais bebêra-os ele no berço, eram tradições arreigadas de familia.

Estudioso e ilustrado, Manuel Viana era tambem um apaixonado cultor das letras patrias, deixando na *Ideia Nova* alguns versos satiricos de raro merecimento.

Mas é como propagandista fervoroso e incansavel das ideias republicanas que a sua radiosa figura agora reaparece em minha memoria, e eu imagino como seria inenarravel a sua ventura se conseguisse ver o que os meus olhos cansados ainda lograram contemplar: a realização dessa velha e carinhosa utopia que nos alimentou as aspirações da mocidade, e pela qual sacrificamos todos a saude, a tranquillidade, talvez a vida, pelo menos o futuro.

Pobre morto! Se as tuas cinzas pudessem ainda sentir, veriam que ainda ha alguém que as não esquece. E se porventura ha quem as não recorde e até as não venere, tem a certeza de que a historia ha de arquivar o teu nome entre aqueles que muito amaram a sua Patria.

A imprensa, pelo menos, te vai já fazendo justiça. E' ela hoje o verdadeiro Pantheon onde melhor cabe a memoria dos que passaram a vida dignificando o Homem nas suas multiplas manifestações sociais. Sob uma cripta grandiosa de granito, tanto pó te apoderar o cerebro de Vitor Hugo como o cadaver hediondo de Nero. Aqui não. Cai-se no tumulto e resurge-se para os posterios. E' por isso que venho relembrar o teu nome grande e immaculado, para que os novos, que te não conheceram, e que hoje colhem a luz doce e prodiga da liberdade, saibam que alguem, antes deles, semeou pedacos de coração no solo que hoje pisam como conquistadores.

M. J. Nunes Pereira.

Homenagem a Manoel Viana

A' Camara Municipal

Passa amanhã o 15.º aniversario do falecimento do saudoso republicano barcelense Manoel Viana.

«O Radical» presta-lhe a sua homenagem de saudade, honrando as suas colunas com o retrato do grande caráter e apaixonado democrata, acompanhado por um artigo de Manoel José Nunes Pereira, velho republicano, nosso presado amigo, que ao querido morto esteve ligado pelos mais intimos e afétuosos laços de amizade e de camaradagem jornalística, na «Ideia Nova».

A' ilustre vereação municipal, por este meio dirigimos um pedido: que em homenagem de saudade a Manoel Viana, comemorando o primeiro aniversario que passa da sua morte desde que implantada a republica, se dê o seu nome á principal rua de Barcelos, atualmente com o de Antonio Barrôso, sem que isso implique menospreço por este nosso patrio, tanto mais estar-se seguindo o criterio de não prestar tais homenagens a individuos

Respigando...

URINOS

Lembramos ha tempos, a pedido de um leitor que se nos dirigiu por escrito, a conveniencia de a camara municipal faser em diversos pontos da vila a instalação de alguns urinos e sentinas publicas.

Não foi, e com isso exultamos, um brado no deserto.

Alguma coisa se fêz já, se bem que muito pouco, muitissimo pouco: vam ser colocados dois urinos, um no largo da Calçada e outro no do Teatro.

Que os respeitaveis membros da nossa edilidade não descurem o assunto, que não é, julgamos, dos mais destituídos de importancia, e terão então o nosso louvôr.

Por enquanto, achamos cêdo.

OS NOMES DAS RUAS

E já que estamos em conversa com a ilustre vereação, não será inoportuno perguntar-se: ¿haverá inconveniente em o publico saber que o *Campo D. Manoel* é agora Campo da Republica, o *Campo D. Carlos*, Campo da Liberdade, etc.?

Se não houvesse, não seria das coisas mais despropositadas substituir-se as respétiplas placas.

Isto é se não houver inconveniente. Do contrario — não pensarêmos mais nisso.

CASO GRAVE

Nada mais sabêmos, por enquanto, sobre este melindroso assunto.

Terminada a sindicancia a que veio proceder o considerado comandante interino do regimento snr. tenente-coronel Fragôso, formou-se em seu redôr um silencio absoluto, pouco justificavel, e que não é muito do agrado da conciencia publica.

Diversas pessoas se nos teem dirigido já, pedindo informações sobre o resultado do inquerito, e nada temos podido responder senão que êle findou, *talvés* pelo apuramento da verdade.

Não deixaria de sêr rasoavel que essa duvida fosse desvanecida e essa verdade proclamada, por quem o pode faser.

Aqui consignamos esse pedido, tanto mais legitimo quanto é certo nós, «O Radical», termos um dever a cumprir, caso ela seja contraria ao boato de que nos fisemos eco.

A' «ERA NOVA»

Ha bastante tempo que sentimos a falta deste nosso colega.

Por varias vezes pedimos, pessoalmente, as necessarias providencias, e — nada!

Repetimos, hoje, deste lugar, o mesmo pedido, na certeza de não sermos forçados á interusão da remessa do nosso jornal.

AUTO DE FÉ

Paródia ao Auto das Neves

CENA TRAGI-COMICA

Personagens: Mafarricas Alirabandes, em carne e osso (mais osso que carne); e Afonso Costa, em cartão e tinta (mais cartão que tinta).

Mafarricas (empunhando uma faca de matar chiços)
Oh! várvavo! várvavo! que vais morrer co'êste facalhão! Restitues-nos as irmãsinhas?

Afonso Costa (muito calado)

Não!

Mafarricas (num gesto colérico)

Morres com um vil, morres com um cão!

(Pausa)

Restitue-nos as irmãsinhas?

Afonso Costa (ainda mais calado)

Não! Não!

Mafarricas (de cabelos arrepiados)

O' incas! ó incas! ó sol Dásia! Arranco desta espada, dêste aço cinico e varo-te o coração!

Restitues-nos as irmãsinhas?

Afonso Costa (cada vês mais calado)

Não! Não! Não!

Mafarricas puxa do facalhão, e atira-se com gana sobre o cartão.

Ah! várvavo! várvavo! que ficas sem coração! (Alucinada, envairecida, estaqueia loucamente Afonso Costa de cartão, até o reduzir a mil pequenos bocados)

Oh! vil, que inda mais has-de sofrer! Queimado vivo, depois de morto á punhalada, has-de tu sêr!

(E lança a uma fogueira todos os fragmentos do pobre Afonso).

A família do desventurado está inconsolável.

Filosofia alegre de um barcelense triste

A democracia

Na minha qualidade de adesivo dos de pura agua, o que mais constantemente me preocupou, desde que em Portugal a republica é um fato, foi dar exemplos da mais pura e perfeita democracia.

Tarefa difficil e escabrosa, por ter de sêr precedida do estudo necessario para saber o que isso vinha a sêr...

E' curioso: tanta vês em comicios, em conferencias, em artigos de fundo, se me deparou esse vocabulo — democracia — e nunca me deu para perguntar o que era...

Tinha apênas a impressão de que ela tradusia qualquer coisa muito complexa, que preocupava extremamente alguns espiritos visionarios, desequilibrados, lunáticos.

Tanto bastava para que lhe não ligasse importancia de maior. E não liguei.

Mas agora — ai de mim! — surge-nos a republica, a nova aurora a despontar no ceu nebuloso da patria escravizada, como usam disêr os meus colegas adesivos, e a frequencia com que chamam ás novas instituições «regime democratico» fêz-me compreender que isto de democracia devia estar algo relacionado com a republica.

Estudei profundamente o assunto e terminei por concluir que regime democratico é aquêle que, como o republicano, assenta nestes três sagrados principios: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Assim, pois, para sêr bom republicano não bastava a adesão official a que me convidaram. Era necessario dar publicos, bem publicos! exemplos de bom de nocrata.

E então ¿que fasêr?

¿Ir apregoar em comicios ou reuniões politicas estas minhas novas doutrinas?

Não; que poderia hvêr algum biltre que me fizesse a injustiça de me chamar um dentista de feira, por eu in illo tempore com tamanho fervôr me ter entregado á propaganda do monarquismo.

Nada. Tinha de seguir outro rumo. Cogitei. Pensei. Ruminei. Matutei.

Atê que, porfim, resolvi fasêr propaganda prática...

Mostrêmos quam apaixonado somos das democracias mas concretamente, com fatos indimentaveis, evidentes.

Provêmos ás turbas que sômos liberal, que não desejamos a liberdade só para nós e que a pretendêmos tambem para os outros; sejamos o primeiro a praticar a igualdade e a fraternidade.

Mas quando a tal me abalancei, não supunha que tanto tivesse de sofrer para atingir esse fim.

Começou por uma noite encontrar em casa um gatuno a fasêr um fardo de objêtos varios que encontrou á mão.

Lá se me iam as ricas pratas, toda a baixela; o meu fato de casaca; o melhor vestido de minha mulher. Etc. Prejuizo de centos de mil reis.

Mas ¿que fasêr?

O homem lá por estar a roubar não deixou de sêr um cidadão com os seus direitos invioláveis.

O que primeiro me acudiu á mente foi prendê-lo e condusi-lo a pontapês á autoridade.

Mas agora perguntava-me eu: ¿teria o direito de o fasêr?

Não; não podia cercêar-lhe a liberdade de entrar na minha casa e de se apoderar daquilo que lhe fizesse conta.

E deixei-o ir.

Lá se me foram 33 1/3 % da simpatia enorme que tinha pêla democracia.

Ao mesmo tempo que isto se dava, esforçava-me por convencer a arraia miuda de que eu me não julgava acima dela.

Ou bem que ha egualdade...

Houve um espetáculo e eu fui para galeria—o pitorêso galinheiro, para onde vai a gente baixa.

Mas era impossivel estar em tal lugar.

Um cheiro a chulé daquêles marçanos e aprendizes de officos e um arôma picante a alho, das sopeiras, que era mesmo de dar ás de Vila Diogo.

Não atarei mais do que o primeiro ato.

Ao 2.º, com vergonha de ir para uma classe superior depois de quase haver feito escandalo com a minha assistencia naquella, fui para casa.

Sempre preocupado em dar exemplos de egualdade, comecei a acompanhar com cidadãos de baixa condição...

Tive de desistir: levavam-me sempre para antros imundos, sórdidos, onde se jogava a bisca e se vomitava toda a especie de obscenidades e... vinho. Alem disso, era gente absolutamente incapaz de me falar em qualquer coisa com que pudesse entreter-me em uns minutos de delectosa conversação.

Estendi a mão, em afetuoso cumprimento, a todos quantos de mim se abeiravam, e obtive o resultado de muitas vês lhes têr de tirar o cêbo que ficava pegado com demoradíssimas lavagens.

Para demonstrar tambem de forma intuitivel que comungava nos sagrados principios da Fraternidade, ouvi um dia meia dúzia de injurias graves a um insolente, sem o esbofotear, como êle merecia.

Outra ocasião, bom quimico como seu, verifiquei a presença de um corpo estranho na cama da crida.

¿Corrê-lo a cacête?

¿E para onde ia a bela da fraternidade?

Muito sofri, creiam.

Tanto, tanto, tanto—que acabei por mandar ao diabo a democracia.

Decididamente, não se pôde sêr democraça num país onde haja chulé, gatunos e desordeiros.

Calino.

Cinco banalidades

Uma mentira

Esta podia muito bem sêr verdade: Um tendeiro dis, da sobre loja, onde mora, ao caixeiro: — Joaquim! — Patrão! — Já juntaste a farinha no assucar? — Sim, senhor. — Misturaste a fava no café? — Tambem, sim senhor. — Muito bem, muito bem. Pois então fecha a loja e vem para cima para resares o terço comigo.

Duas verdades

Segundo lêmos numa revista estrangeira, acaba de ser inventada por um belga uma curiosa máquina de escrevêr que estampa sílabas em vês de lêtras. As teclas estão dispostas de tal modo que simultaneamente se pode tocar duas ou três vês para formar as palavras de duas sílabas eguais seguidas. Com esta máquina pode escrevêr-se 125 a 150 palavras por minuto.

Disse Heliodoro Salgado que Liberdade é o direito garantido a todos de desenvolverem a sua plena atividade, livres de qualquer coação, contanto que essa atividade seja norteada por um criterio de justiça.

A musa do povo

Eu amava-te, Angelina, Se não fora um só senão: Séres pia de agua benta Onde todos põem a mão.

Quem ama duas a par Tem de ter grande talento, Para poder arranjar Tanta mentira a um tempo.

LITERATURA

CARTA SIMPLES

A uma senhora complicada

Não ignôra por certo que eu a estimo E lhe ergui no meu peito um claro altar, Onde em preces d'amôr, que eu mal exprimo, A minh'alma se oculta p'ra rezar.

Já adivinhou, talvez, a simpatia Que os meus olhos lhe dizem ternamente, Quando a fitam, envoltos na alegria Do seu sorriso lânguido e mordente.

Quanto mais a conheço mais me exalto E sinto o coração chispando em brasas, Como se p'ra alcançar o céu tam alto O seu amor me dêsse duas asas.

Se penso em si, murmúro radiante Seu lindo nome, suave como pênas, E vejo-a ante os meus olhos triunfante, Coroada de lírios e assuceñas.

Sabe que a estimo; é quanto basta ao poeta Que se atrêve a cantar um serafim; Seja-me sempre a musa alva e discreta, Eis o pedido que lhe faço, emfim.

Peço-lhe pouco: o seu amor sómente! Eu que por certo saberei guardá-lo: Se o há-de dar a algum indiferente Antes m'o dê, se eu soube conquistá-lo...

Enganei-me, perdão! eu nada implôro Nem quero o amor metódico, consútil Que por certo ha-de ser vulgar namoro E eu tenho horror a tudo o que é inútil.

Isto, portanto, é simples cortesia Ante uma dona fútil e vaidosa, São frases traduzindo simpatias, Fogo de vista em noite rumorosa.

Vaz Passos.

CARLOTA

Uns deliciosos desasseis anos. Morêna, como toda a mulher linda que se presa.

Uns olhos gaiatos, que pareciam estar constantemente provocando-nos a mil coisas bregeiras; muitos vivos, buliçosos sempre a agitarem-se, numa indomavel inquietação, como que desafiando a propria natura a produzir maior belêsa.

A bôca, muito pequenina, uma verdadeira ilha de prasêres cercada de encantos por todos os lados.

E depois, as regiões capilares, um deslumbramento completo; aquellas tranças, tam brilhantes, tam pretas, tam fartas, caídas descuidadamente sobre os ombros e envolvendo-lhe o rôsto com uma simplessa impressionante, qual graciosa moldura setinea, assemelhavam-se áquellas nuvens plumbeas que, saturando um formoso dia de estio de uma certa melancolia, não deixam de aumentar a sua poetica belêsa, aos olhos do homem.

As vês, fitando-a, embebendo o meu olhar todo cheio de volupia na contemplação de um tal acepipe, perguntava a mim proprio de onde teria surgido um anjo de tamanha fascinação.

Tollice! Todos sabêmos de onde êle tinha vindo: como todas as mais criaturas, de França numa cestinha...

Chamava-se horripilantemente Carlota. Carlota!

Nunca pude conformar-me com isso. Pois pude chamar-se Carlota uma tam galante donzela, tam cheia de fornosuras e atrativos e que, para mais, não conta senão desasseis anos?

Os nomes de pessoas tambem não sam palavras ôcas, vãsias de sentido. Tem a sua significação, como os das coisas e qualidades e deviam sempre estar de harmonia com as pessoas a quem applicadas.

Sam o exterior de um conjunto de dotes e predicados reunidos no individuo.

Assim, como poderemos com homogeneidade de vista e sentimento, conceber uma Marília, uma Alice, ou uma Madalena, velha, trôpega, eivada de vícios repelentes, ou de uma fealdade implacável?

Como conceber-se uma Sofia numa jovem sensitiva, de olhos da côr do ceu, cabelos côr do outro e pele ebúrneia, toda meiguices e languidês?

E então, como tolerar-se uma Carlota formosa, angelical?

De forma alguma.

Poderei perdoar a uma menina o não ser formosa. Perdôo-lhe o ser loura. Perdôo-lhe que não tenha namôros. Que vá á missa. Que use chichis. Que leia romances. Que não lave o pescoço.

Mas chamar-se Carlota, demais quando é dona de tam belos desasseis annos, ... jámais obterá o meu perdão.

Carlota! Horrôr dos nomes de mulher! vergonha e oprobrio da lingua portuguesa, eu te fulmino com o meu anátema!

Em nome de todas as leis do bom gosto e da tranquillidade dos nossos nêrvos, eu te intimo a sumires-te p'ra sempre no abismo do ólvio, a desapareceres do nosso vocabulario, para não mais voltares!

Carlota, a minha gentil e desventurada personagen, alem dos desasseis annos, tinha ainda desoitto contos em inscrições, quatorze namôros e sete moradas de casas.

Muito razoavel partido. Feliz e tranquila viveu por largos annos.

Foi no periodo, não já da infancia mas da juventude, em que não tinha quaisquer preocupações, nem mesmo as de matar o tempo.

Disso se encarregavam os seus adoradores, que trocava e adquiria com a facilidade e desinteresse com que substitua uma agulha da Singer ou mandava comprar um carrinho de retroz ou troçal.

Mas não ha bem que sempre dure...

Um dia olhou para o seu passado de mulher, depois de lêr uns moralistas romances e pensou que aquillo não era viver, pois que viver não é gosar prosaicamente as delicias banais dos prasêres mundanos; viver não é deixar-se a gente enlevar pela apparencia illusória dos faustos triviaes da sociedade que nos tornea.

Viver é amar. E' sofrêr. E' sentír.

Porque vida é reprodução e não ha reprodução sem amor, como não ha amor sem sofrimento, e como não ha sofrimento senão para os que sentem.

Viver é lutar pela conquista de um bem, pela realização de um ideal, é ter esperança, é em suma sentír-se vibrar dentro em nós alguma coisa mais do que os sentimentos futeis, sem uma aspiração nobre.

Carlota precisava, logo, para viver, de amar. E, depois de dormir a sesta naquêle lindo, encantador domingo de julho, passou a-mão pelos olhos, espreguiçou se e deliberou amar. Fosse quem fosse. Havia de amar.

Fôs passar pela imaginação, em feérico cortejo, toda a longa ala dos seus namorados.

A todos fitava com olhos prescruadores, querendo descobrir no mais insignificante dos gestos, na mais insignificativa das expressões, as suas qualidades, o grau da intensidade do amor que lhe tributavam.

Este não era do seu agrado porque era demasiado alto. Aquêle porque era muito baixo e devia, porisso, sêr muito buliçoso.

Estoutro porque era louro e, consequentemente, sem duvida, muito maricas. Aquêloutro era moreno e portanto muito fogoso.

Ah! mas nem todos haviam de ter defeitos. E é que lá surge agora um que a satisfas.

Sempre por êle teve uma grande predileção, sobre os outros três namoros.

Devotou-se-lhe agora de alma e coração, quando até ali, leviana e inconstante, não fisera mais do que zombar dêle um pouco menos que dos outros pacientes.

Regenerar-se-ia. Pouco a pouco, foi despedindo todos os seus cortejadores, até ficar apenas com o unico que de-liberara amar.

A si propria jurava dedicar-lhe um amor tam grande, tam intenso, tam puro, que só por si bastasse a encher o seu coraçãozinho sensitivo que já deu gasalho a quatorze paixões simultaneas.

Mas Carlota era uma predestinada ao sofrimento, aos martirios do amor.

Era uma daquellas criaturas que parece trazerem já do berço, bem firmemente traçado, o seu caminho de dôr na vida.

Agora que só a um amava, que só a um dedicava todos os seus pensamentos, vê-se mais que zombada: despresada.

Esse sobre quem incidia o fogo violento da sua paixão já não cria nela.

Fô de todos quantos a requestaram o unico que a amou. E por isso mesmo sofreu muito com a sua inconstancia, com as suas leviandades, com o flagelo do seu escarneio. Chorou lagrimas muito amargas em silencio, com o testemunho unico das arvores do bosquequinho onde nas noites luarentas ia refugiar a sua dôr.

Descreu da felicidade, ou antes da não infelicidade; e desesperou da vida. Padeceu de forma incalculavel para os leigos do amor.

Passaram, porem, essas primeiras fases da sua paixão.

Seguiu-se á do desvario a do abatimento. E a esta, recobradas umas poucas forças a muito custo, a da resignação e do ceticismo.

Fô assim que o surpredeu o aparecimento de uma nova Carlota, sensual, apaixonada.

Recebeu-a a frio. Com um sorriso de descrença nos labios e a duvida no coração.

Intimamente, deseja-a-a ainda. Mas recejava-a e, assim, fugia-lhe.

Não encontrava explicação plausivel para tam subita e brusca transformação e isso mais tonificava a sua descrença.

Carlota sofreu muito com esse desprezo. Não era só o seu coração calçado.

Era tambem o seu amor-proprio ferido, as suas vaidades ridicularizadas, o seu orgulho de mus lher formosa escarnecido e... as suas esperanças desfeitas.

Como outrora o que agora a martirizava, tambem ella vertia lagrimas imensas, da mais acerba dôr. O amor dominara-a bem.

Não podia dizer-se que fosse uma paixonêta vulgar, um flirt sem consequencias.

Era paixão e das mais sincerãs e impetuosas. Daquellas que avassalam todo o nôsso sêr, dele apoderando-se inteiramente, e nada mais deixando vibrar e sentír.

Era a paixão sentimental, com todo o egoismo e toda a sua abnegação.

Era o amor.

Lutou contra a indifferença do seu escolhido. Mas fô sempre vencida.

O muito que êle noutros tempos por ella sofreu, tornava-o agora invulneravel ás suas invêtivas.

Terminou Carlota por sossobrar ao pezo da sua enorme dôr.

Adoeceu. Definhou-se dia a dia. Empalidecia. No seu rosto, ha pouco tam formoso, ia-se estigmatizando o sofrimento de um coração muito torturado.

Os seus olhos iam perdendo aquêle brilho fulgurante que tanto coração cativou, cobrindo-se de um veu sombrio de tristêsa que lhes tirava toda a expressão.

Das fartas tranças alguns fios se prateavam. Não era já senão mito da beldeza que fôra já.

Passaram-se três mês.

Carlota, a linda Carlota, depois de muito sofrer, de muito ser martirizada... morreu de uma indigestão de carne de pôrco no sarrabulho do padrinho.

Desditosa Carlota!

Ilydio Nunes

Novas Publicações

Crítica extravagante

É uma publicação quinzenal, que de ha tempos vinha sendo annunciada, e de que é director o nosso estimado amigo sr. dr. Gonçalo de Araujo.

No primeiro artigo do seu n.º 1, saído a 5 do corrente, dis propôr-se a «—despido de balôas vaidades e doentias prosápias, nordeado sempre por um são criterio de equidade e de justiça—pôr em realce aquella tendencia sôrna, macabra e servil de certa crápula untuosa, hipocritamente adaptada a um verdadeiro estado de cobardia moral, politica e social que constitue, a seu vêr, o apanagio simbolizador da inconsciencia e da perfidia. Será firmado em tam alevantado principio que ha-de, bem ou mal, desmascarar a petulancia solerte de certa casta insolente, que uma condescendencia já fastidiosa por ai tem deixado andar á solta num caricato desalinho de comedia, escurmando pela dentuça muito infamia e muito odio.»

Nós não queremos, por principio algum, negar ao sr. dr. Gonçalo o direito de criticar, extravagantemente ou não, o que oti quem quer que seja.

Mas temos uma opinião sobre a forma por que é feita essa critica e se, já por temperamento, por uma tendencia de rebeldia á injustiça que nos está na massa do sangue, a não podiamos conter em nós, agora muito menos a calariamos, depois de conhecida, graças á erudição do sr. dr. Gonçalo, a doutrina de Stuart Mill: «quando toda a especie humana, menos um só homem, tivesse a mesma opinião, e esse homem fosse de opinião contraria, a humanidade não teria o direito de impôr silencio a essa pessoa...»

Não nos enebriamos tanto com as ideias de Stuart Mill que não reconhecamos serem elas, praticamente, consideradas muito falsas por grande parte da humanidade. Provam-no as suspensões que os nossos governos teem imposto a diversos jornaes, e os assaltos vandálicos que o povo tem feito aos escritorios de alguns outros, para os forçar ao silencio.

Mas por certo, no caso presente, nós estamos isentos da applicação de qualquer das mordças: nem o governo provisório nem o povo se importarão com aquilo que nós dissermos da extravagancia do sr. dr. Gonçalo de Araujo.

E sem mais preambulos de qualquer sorte digamos já que o nosso parecer sobre a *Crítica extravagante* em nada poderá ser agradável ao seu autor, como nada dela é agradável a nós.

Nem a forma, nem a orientação, nem os fins a que viza.

Em tal genero literario, as qualidades que mais devem firmar sam precisamente as que mais escasseiam na *Crítica extravagante*: seriedade na apreciação dos factos, reflexão na escolha do vocabulario, comedimento na linguagem, profundesa de análise, larguessa de vistas, etc., estando nestas misteriosas e elasticas três letras comprehendido, alem de muitas outras coisas, a... *autovisualidade*.

Em critica, não é a *palavra* coriscante, dura e injurisa que mais deve ter. É a mordacidade amena da *frase*, o espirito cauterisador que ressalta da *ideia*.

É a critica a costumes morais, sociais e politicos, como a que se propô fazer o sr. dr. Gonçalo de Araujo, mais deve esmerar-se nisso que qualquer outra, sob pena de redundar em prosa de pasquim á Homem Cristo.

É missão mui difficil, bem sabemos, e a que não pode aspirar qualquer mentalidade.

Tam difficil, que, em Portugal, só Fialho de Almeida nos *Gatos* e Ramalho de Ortigão e Eça nas *Farpas* conseguiram nela a perfeição. Discipulos destes, de mais ou menos merito, alguns tem havido, é certo, mas que em pouco tempo se deixam prostrar, reconhecendo a sua impotencia.

Nontro genero diferente, tivemos a lição de João Chagas, com as *Cartas Politicas*.

Não se pense que nós queriamos na *Crítica extravagante* a prosa de qualquer dos grandes cerebros a que nos hemos-reportado.

Desejavamos apenas que a preocupação do autor fosse toma-la para modelo.

O brilho literario, o brilho de conceito viriam depois, após aturado estudo e esforço — se o sr. dr. Gonçalo fosse suscetivel de as dar. Se não fosse, retirar-se-ia e podia fazê-lo satisfeito, com o prasêr de alguma coisa ter ficado do seu trabalho: o exemplo do estudo honesto.

Assim queriamos que o sr. dr. Gonçalo

fizesse no respeitante á forma e banisse uma certa fraseologia que, por vêses, nos parece recortada do «Povo de Aveiro».

A orientação da *Crítica extravagante* não nos agrada mais do que a forma.

Entra muito na esfera politica e, desassombradamente o disemos, é demasiado cêdo para o seu autor pensar em tal.

Por enquanto, mais deve pensar o sr. dr. Gonçalo em defender-se do que em atacar.

Para atacar, é preciso ter-se direitos que de boamente lhes não reconhecemos, como lhe não reconhecemos o de diser que este malfadado país estava «ainda ha bem poucos dias tristemente subjugado ao predomínio desairoso e nefasto duma retrograda forma politica, que deixa na historia contemporanea um passado de insanias e de protervias», e que o povo até aqui era «esquecido e vilipendiado», etc.

Sam grandes verdades, sem duvida, mas que nem todos podem diser honestamente.

Mas para apreciar sob este aspêto a *Crítica extravagante* é inoportuna a occasião e impropria a situação politica local.

Passemos portanto um vez, temporariamente, sobre esse lado da questão.

Um dos fins a que viza a *Crítica* é pôr em realce aquella tendencia sôrna, macabra, e servil de certa crápula untuosa... e desmascarar a petulancia solerte de certa casta insolente...

Este *certa* indica, naturalmente, que o sr. dr. Gonçalo pretende, desde já, faser incidir a sua critica sobre estas e aquellas pessoas que constituem a tal *crápula* e a tal *casta*.

Conjugadas estas referencias com umas outras que se nos deparam no decorrer das oito paginas da *Crítica extravagante*, constata-se que esta vem a lume com o proposito premeditado maduramente de ferir uma determinada fiação politica e um certo grupo social.

Ora pôdesse cauterizar — e não a descobrir — ha-os em homens de todas as fâções e de todos os grupos.

A honestidade não é um privilegio de seitas ou de partidos. Em todos os campos, mesmo nos mais tenazmente combatidos, a vamos encontrar representada, e quantas vêses em mais larga escala que nos campos com mais grossas hostes de adeptos.

O sr. dr. Gonçalo de Araujo deixa, talvez, obcecar-se por paixões muito pessoais.

É o peor mal que pode saturar os seus escritos, pois que a critica nobre e elevada não deve vêr malquerenças pessoais. A generosidade mandaria até que estas se pusessem de parte.

Mas receiamos muito, pelo que o sr. dr. Gonçalo nos deixa entrevêr no 1.º n.º da sua publicação, que o seu latego vai cair unicamente, de uma forma faciosa e parcial, sobre êsses que deveria poupar; e tenha condescendencia para alguns que por qualquer motivo lhe sejam simpáticos.

Uma critica assim perde toda a nobreza.

É o que se nos oferece disêr da *Crítica extravagante*, assim muito á pressa, quase sem chegar a coordenar ideias que ela nos sugere.

Opinião aliás muito individual, pois que mais do que do «Radical» é ela do seu obscuro redâtor

I. Nunes.

Dr. Manuel Monteiro

Em visita official, vem a esta vila no proximo dia 5 o illustre e considerado chefe do distrito sr. dr. Manoel Monteiro.

O partido republicano barcelense projeta para a chegada do simpatico magistrado carinhosas e efusivas manifestações de regosio, da organização das quais está encarregada a comissão municipal republicana com o auxilio dos snrs. presidente da camara municipal, administrador do concelho, juiz de direito, delegado e escrivão de fazenda.

Está já assente efêtnar-se um almoço de confraternisação politica é um comicio no Campo da Republica, após o juramento da bandeira do batalhão civico, usando nele da palavra os snrs. drs. Manuel Monteiro e Belésa dos Santos e talvez tambem o sr. dr. Fonseca Lima, administrador do concelho de Esposende.

Nesse dia, afim de assistirem á festa dos seus camaradas desta vila, veem a Barcelos os batalhões civicos do Porto.

de anunciar a sua proxima visita, — para vêr o peqneo.

A Adelaide tomou o seu lindo arsinho sério e repreendeu-me, com a sua doce vôs que não sabe ralar:

—Fizeste mal, Daniel, fizeste mal. Tu não devias ter gasto assim o dinheiro. Bem vêes que temos um filho e precisamos de poupar muito, de pensar muito no futuro...

Ela tinha razão, mas a verdade tambem é que não me faltavam forças para preparar um lindo futuro ao nosso filho.

Ela sorriu, convencida, e fomos para a meza, saborear a nossa bela ceia de Natal.

E, durante toda a noite, não fizemos senão falar nos preparativos necessarios para a visita proxima, que tanta honra nos dava.

Afinal, cada vez me convengo mais de que não devo andar assim eternamente preocupado com a felicidade que usufrua, pois ela não é mais do que a justa compensação de tantas amarguras sofridas.

O meu visinho, por exemplo, vive num belo palacio onde sempre retinem as gargalhadas da alegria e não me consta que já-mais tenha andado, como eu andei, a mendigar pelas ruas, de botas rotas e gola levantada. Toda a sua vida tem decorrido assim,

Barcelos por dentro

VIDA MUNDANA

Aniversarios natalicios:

Passaram—no dia 19 o do sr. P.º Domingos José de Sousa e no dia 22 o do sr. Manuel de Araujo Coutinho Junior.

Passam—no dia 24 o do sr. Francisco Ribeiro, no dia 26 o do sr. P.º Manuel Vilacha Esteves, no dia 27 o do sr. Antonio Pereira Esteves, no dia 28 o das exm.ªs sr.ªs D. Emilia da Costa Almeida Ferraz e D. Maria Etelvina Carmôna Coelho Gonçalves.

Estiveram:

Em Armamar—o sr. dr. Pinto Ribeiro.
Em Braga—o sr. tenente Barbeitos Pinto, Arnaldo Braz, o p.º José Candido e Antonio de Almeida Azevêdo.

No Porto—os snrs. Manoel Joaquim Coelho Gonçalves, Antonio Azevêdo, Francisco Santos, José Antonio Torres, Francisco do Rosario Real e Luiz Gomes de Carvalho.

Em Barcelos—a exm.ª sr.ª D. Tereza Adelaide de Figueiredo e suas gentilissimas filhas D. Maria Fernanda e D. Maria Cláudia.

Na Povoia de Varzim—o sr. Aurelio Ramos e exm.ª esposa, dr. Matos Graça, José Carvalho e Francisco Monteiro Torres.

Em Viana do Castelo—o sr. dr. Augusto Monteiro.

Em Barcelos—os snrs. Porfirio Pinto de Sousa, José Marques de Azevêdo, Henrique Vieira Borges e exm.ª irmã e João Augusto de Barros e exm.ª esposa.

Consorcio

Pelo nosso patricio sr. Armando da Cunha Soto-maior, residente no Porto, acaba de sêr pedida em casamento a exm.ª sr.ª D. Maria da Conceição Rêgo, filha do antigo negociante e proprietario, sr. João do Rêgo e Silva.

Enfêrmos

Esteve incomodado de saúde o nosso amigo sr. Agostinho Lopes dos Santos.

—Estêve bastante doente em Coimbra, tendo entrado já em franca convalescença, o nosso querido director Antonio Baltasar.

Registo paroquial

Na igreja paroquial d'esta vila, realizaram-se os seguintes batizados:

Na quarta-feira um filho do sr. Delfim Martins que recebeu o nome de Valentim dos Anjos, tendo sido padrinhos a sr.ª Rosa Gomes e o sr. José Joaquim de Oliveira.

No domingo, um filho do sr. Adelino Alberto do Carmo, que recebeu o nome de Aureliano, tendo sido padrinhos a sr.ª Marcelina Gomes e o sr. José Antonio Fernandes de Carvalho.

Camara Municipal

Sessão de 17 de fevereiro

Estão presentes todos os membros da comissão.

Expediente

Um officio do presidente da Associação Commercial, agradecendo á Camara o têr tomado o encargo de levar a efeito a parada agricola, e afirmando que aquella associação de melhor grado prestará todo o concurso que fôr necessario.

—Um officio do sub-inspêtor da circumscrição escolar, perguntando á Camara o que se lhe oferece disêr sobre a criação de uma escola mixta nas freguesias de Guizo e Alvito (S. Pedro), declarando que as Juntas mantem o compromisso tomado, de fornecêr casa e utensilios.

Ficou para sêr tratado na proxima sessão. Requerimento de Manoel Domingues de Souza, pedindo para lhe sêr pago uma conta de

pedra britada fornecida á Camara para umas obras. — Deferido.

Requerimento, acompanhado da planta de frente do edificio do Circulo de Operarios, pedindo a sua aprovação, e licença para depositar materiaes na rua. Com o adiconamento da platabanda. — Deferido.

Nesta altura, o sr. dr. Cardoso de Albuquerque chama a atenção do sr. Crisogno Correia para dar ao edificio do Circulo um alinhamento perfeito e convida-o a sêr nisso muito rigoroso, para se tomar uma orientação mais segura, do que até agora existia.

Explanando-se em varias considerações sobre este assunto, termina por ler, para o que chama a atenção da Camara, nos artigos do Codigo de Posturas referentes ás licenças para deposito de materiaes nas ruas, ficando deliberado que as pessoas que requererem essas licenças pagarão o competente aluguer, e que o condutor municipal fará a medição do terreno.

Parada Agricola

O sr. presidente informa que já officiou ao administrador do concelho e aos presidentes das comissões paroquiais e propôu que seja agregado á comissão, fazendo-lhe sentir o seu agradecimento, o grande benemerito e importante industrial, sr. José Domenech.

O Retogio official

O sr. presidente dis que, em virtude de uma proposta do sr. Francisco Carmona, pediu a um tecnico para examinar o actual regolio da Camara e dar o seu parecer, que foi de inutilizar aquele, por se não poder responsabilizar pelo concôrto, ficando resolvido pôr em praça o que está, e logo que seja possivel faser a aquisição dum outro.

As torres

O sr. presidente dis que, tendo notado que o cunhal, ponte a sul, das ruínas das Torres, tinha aberto mais, encarregou os snrs. Crisogno e os mestres de obras Linhas e Silva, de a examinar e que êles foram de opinião não ter a segurança devida.

Ficou resolvido mandar faser as obras necessarias.

O sr. presidente dis achar conveniente faser uma relação dos oferecimentos que a Camara tem para a criação de varias escolas e officiar a direcção geral da instrução publica, levando-lhe isso ao conhecimento, e fazendo-lhe sentir não poder, como desejava, aceitar esses oferecimentos, por o seu rendimento não permitir subsidias-las.

Logar de zelador

Ficou resolvido que logo que chegasse a comunicação do governo civil de ter sido autorisado pelo governo o preenchimento deste lugar, êle fosse immediatamente posto a concurso.

A demolição de uma casa

Precedendo-se á vistoria, conforme resolução tomada na ultima sessão, de uma casa na rua Duque de Bragança, pertencente ao sr. Francisco Placido da Graça de Souza Lima, os peritos foram unanimes em declarar que o prédio não tem reparo possivel, pelo que ficou deliberado a intimar aquele sr. a demolir-lo.

Outros assuntos

Mais resolveu a comissão municipal: Reparar o pavimento da rua em frente ao Banco de Barcelos;

Investigar já procedencia de um fio de agua, que corre junto á casa do sr. Augusto Bandeira, para depois se tomarem as precisas medidas;

Enviar ao advogado da Camara o processo de uma questão de Aldreu, de Antonio de Sá Bernardino.

Oh! Providencia! Para que me esqueci eu da desgraça, para que me deixei embalar na felicidade sem me lembrar de que cada hora de paz é paga com um seculo de desespero!

O meu filho, o meu querido bebê rosado e lindo, a minha ultima, a minha maior alegria — morreu!

Eu tinha obrigação de não me deixar iludir com os afagos da ventura. Apoz um dia de felicidade vem sempre uma noite de desgraça e eu esqueci-o, olvidei a lição do passado e ela veio, a escura noite desceu, a onda negra e encapelada rodeou-me, envolven-me, vae afogar-me. De olhos postos no ceu azul e claro, eu não dei pela marê tormentosa que crescia e só agora, que já não posso fugir-lhe, agora que ela sobe, que me atinge o peito, que ascende sempre, sempre, que vae submergir-me!

Para que me atrevi eu a querer ser feliz se de cada vez que o homem ri a desgraça dá um passo para ele, implacavel e certa, como o destino?

Eu devia evitar a felicidade porque ninguém tem o direito de ser feliz. Sofrer, sofrer sempre — eis o destino do homem.

(Continua)

FOLHETIM

Simões de Castro

O homem que tinha medo de ser feliz

(Memorias dum pobre diabo)

Depois, abri a caixa dos soldados. Foi um successo.

O meu pequenino quasi endoidecia, tal o espanto que lhe causava aquele regimento de minusculos bonecos de chumbo, que ele logo dispoz, pela meza fôra, onde os pratos de doce foram elevados á categoria de irreductiveis castelos roqueiros.

Depois, com a solenidade que o caso requeria, abri a boceta dos brincoes, que rebrilharam á luz do candieiro.

Minha mulher empalideceu, córoro depois e, por fim, atonita, pôs-se a remirar a pequena caixa, tão maravilhada como se eu tivesse tirado de dentro do bolso do meu sobretudo alvadio todas as riquezas que o conde de Monte Cristo encontrou na ilha deserta.

Contei então a historia do presente que o meu patrão me fizera e não me esqueci

Propaganda agricola e republicana

Na Pouza

Junto da casa da escola, onde se efetuou a conferencia, eram os propagandistas esperados pelo povo da freguezia, que os recebeu com entusiasticas aclamações á republica, aos vultos proeminentes do partido republicano, á Patria, ao som do hino nacional executado por uma banda de musica, e da *Maria da Fonte* entoada pelas crianças da escola.

Desta vila foram os snrs. tenente Barbeitos Pinto, dr. Luiz Ferreira, Alberto Pereira de Araujo e Manoel Soares Duarte, que vieram ótимальmente impressionados pela forma como correu o comício e como foram recebidos.

Em Vila Sêca

Às 3 horas chegaram a Vila Sêca os snrs. drs. Belezza dos Santos e Miguel Fonseca, Antonio de Almeida Azevedo, Arnaldo Braz e Eduardo Marçal.

Realizou-se a conferencia na sala da escola primaria. Foi extraordinariamente concorrida, sendo necessario abrir as janelas da sala para todo o povo, que ali se aglomerava, conseguir ouvir os oradores que foram muito aplaudidos. A palestra presidiu o snr. Almeida Azevedo.

REVISTAS E JORNAES

A Sementeira

E' o n.º 29, referente a janeiro, que temos presente, desta mui bem orientada e redigida revista de critica e sociologia, que se publica em Lisboa.

Em folha suplementar, traz a fotogravura do grande propagandista libertario Augusto Blanqui, falecido em Paris.

Arquivo de Legislação

Recebemos o n.º 3 desta revista mensal, destinada á publicação de todas as leis do governo da republica portugueza, devidamente coordenadas e anotadas.

O preço da sua assinatura é de 700 reis por serie de 12 numeros, ou 80 reis, numero avulso.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o largo do Pelourinho, 14 — Lisboa.

Ilustração Vilacondense

Temos em nosso poder o n.º 13 de *Ilustração Vilacondense*. Como sempre, insere excelentes gravuras, magnificamente impressas.

Entre outras, sobresãem as de algumas paisagens daquela linda vila e arrabaldes. O texto é tambem muito apreciavel.

O Futuro

E' o titulo dum trimensario dos academicos portuguezes, que iniciou a sua publicação em Lisboa e de que recebemos o 1.º numero.

Vem ao campo jornalístico para atacar a violencia e a injustiça, pugnar pelos interesses da academia e vulgarizar a literatura dos grandes autôres.

Cumprimentamos o simpatico colega, e desejamos-lhe muitas prosperidades.

OS MORTOS

No ultimo domingo, quando entrava em casa do snr. Alfredo Machado Moraes e Souza, digno recebedor deste concelho, onde ia assistir a uma festa intima, foi acometido de doença subita o snr. Joaquim Dias da Silva, importante capitalista residente na cidade de Braga, falecendo quase instantaneamente.

Compareceu o snr. dr. Martins Lima, que logo foi chamado, mas não pôde fazer já senão a verificação do obito.

O cadaver foi trasladado na segunda-feira para Braga, em carro funerario.

Pelo snr. Adolfo Cibrão foram entregues na administração do concelho dois aneis de ouro com brilhantes, um alfinete de gravata de ouro cravejado com nove brilhantes, corrente e relógio de ouro, 40:000 reis em notas e 5:000 reis em prata, que acompanhavam o falecido.

Na freguezia de Barcelinhos, faleceu o snr. João José da Silva.

Em Vila Cova o snr. Manoel Martins do Monte e em Milhases o snr. Manoel Gomes Fernandes.

Os nossos pesames.

Cinematografo

Realizou-se no passado sábado a inauguração do cinematografo da «Empreza Barcelense», que funciona no largo da Calçada, num amplo e magnifico salão, que para aquele fim foi ali construido.

Fazemos votos por que o publico corresponda aos desejos da empresa, para que possa dar-nos algumas sessões de variedades como deseja, e agradecemos a gentileza do oferecimento de um cartão de entrada, oferecimento que não aceitamos, fiéis ao principio de começo estabelecido de não aceitarmos entrada gratuitamente em espetáculos para que o publico haja de pagar.

VIDA JUDICIAL

Audiencia de 17 do corrente:

Juiz-presidente—Snr. dr. Arriscado de Lacerda.

Delegado do procurador da Republica—Snr. dr. Pinto Ribeiro.

Distribuidor—Snr. dr. Castro Faria.
Escrivão de serviço, o do 1.º officio, snr. Cardoso.

Distribuição

Civil

Ação de Joaquim da Silva, de Santo Estevam de Bastuço, contra Joaquim Luiz Gomes Moreira, de Braga, e outros.
Ao 6.º officio, snr. Balthasar.

Dita de D. Ana Maria do Carmo Azevedo e irmã, d'esta vila, contra José Lopes Junior, de S. Verissimo.
Ao 3.º officio, snr. Esteves.

Dita do Ministerio Publico, contra Manoel Joaquim da Silva e outros, de Galegos Santa Maria.
Ao 5.º officio, snr. Terroso.

Orfanologico

Inventario por obito de João Martins Ferreira, da Pousa.
Ao 3.º officio, snr. Esteves.

Dito por morte de Antonio Rodrigues Pereira, de Martim.
Ao 5.º officio, snr. Terroso.

Audiencia de 21 do corrente:

Os mesmos funcionarios.

Distribuição

Civil

Ação de Abilio Augusto de Miranda, d'esta vila, contra Joaquim da Silva Alves de Pereira, e outro.
Ao 4.º officio, snr. Monteiro.

Execução de José da Graça Faria, de Barcelinhos, contra José d'Araujo Sampelo, tambem de Barcelinhos.
Ao 3.º officio, snr. Esteves.

Orfanologico

Inventario por obito de Antonio Martins da Costa, falecido nos Estados Unidos do Brazil.
Ao 5.º officio, snr. Terroso.

Julgamento

Em processo comercial, pelo crime de furto, respondeu no tribunal judicial d'esta comarca, na passada terça-feira, Antonio Gonçalves Pereira «o Brasileiro», de Caminha.

Foi condenado em 9 mezes e quatro dias de prisão, e cinco dias de multa a 100 reis, sem selos nem custas por ser pobre.

Mas em virtude do decreto de amnistia e da prisão preventiva sofrida, foi lhe dada por expiada a pena de prisão, e a de multa ficou reduzida a um dia, que o il.ºm juiz snr. dr. Arriscado de Lacerda se prontificou a pagar, exortando o réo a que seguisse o caminho do trabalho honesto e se deixasse de burlar o proximo.

E' de louvar o procedimento do digno presidente do tribunal, que mais uma vez mostrou os dotes de benemerencia de que dotado.

Foi defensor do réo o distinto causidico snr. dr. Sá Ramires.

Camara Municipal

Balanço do cofre, ou nota dos fundos existentes n'esta tesouraria em 17 de Fevereiro de 1911.

Saldo da semana anterior	663\$321	
Recebido conforme as guias n.ºs 40 a 60	82\$925	
Idem de fóros	11\$090	
Pago conforme as ordens n.ºs 23, 24, 28, 32, 41, 42, 43, 44 e 45		677\$706
Saldo que passa para a semana seguinte	79\$630	
	757\$336	757\$336

Tuna Academica de Braga

Como é já sabido, a tuna da academia do Liceu Central de Braga vem a esta vila no proximo domingo, por ocasião das festas carnavalescas, dando um espetáculo no Gil Vicente, com as comedias «Os ciúmes» e «A Anedota» e um episodio dramático de Marcelino de Mesquita. As damas barcelenses preparam-lhes uma recepção entusiastica, para o que já constituíram uma comissão, que é composta das gentilissimas meninas D. Maria de Lourdes Martins, D. Olindina Cardoso de Albuquerque, D. Ema Roriz de Azevedo, D. Umbelina Barreto Faria, D. Adelaide de Jesus Coelho da Costa, D. Maria Etelvina Carmôna Coelho Gonçalves, D. Maria Eugenia Fernandes de Barbosa Terroso e D. Rosa Machado Pais Maciel.

Disem-nos que pelas gentis damas será oferecida aos simpaticos rapazes da tuna academica uma pasta para musicas.

Juramento de Bandeira

Foi escolhido difinitivamente o dia 5 de março proximo, para a festa do «Juramento da Bandeira» dos voluntarios alistados no «Batalhão Civico Barcelense», dia aprasado tambem para a visita oficial a esta vila do snr. Governador Civil d'este distrito.

A comissão dos voluntarios envida todos os esforços para que resulte brilhante e imponente tal festa.

O «Juramento» realiza-se no Campo da Republica, pelas 2 horas da tarde, devendo falar diversos oradores, entre os quais alguns do Porto, para o que vai ser construida uma tribuna.

Como noticiamos no ultimo numero, houve um cavalheiro que ofereceu uma linda bandeira ao «Batalhão», que deve ser estreada naquele dia.

Todos os cidadãos alistados no «Batalhão Civico Barcelense» devem comparecer no dia indicado no quartel do 3.º batalhão de infantaria, á 1 da tarde, afim de formados, seguirem para o Campo da Republica.

Matadouro

O movimento no matadouro d'esta vila, nas duas ultimas semanas, foi o seguinte:

Rês abatidas. — 9 bois, 13 vacas, 6 vitelas, e 8 carneiros, no total de 33 que pesaram 4:469 quilos, pagando de imposto para a Fazenda reis 50:733, para a Camara 98\$940 reis e para o Matadouro 20\$800 reis.

Banco de Barcelos

Temos presente o relatório e parecer do Concelho Fiscal, da gerencia do Banco de Barcelos, respeitante ao ano de 1910, que pôi bem em evidencia a administração zelosa e honesta dos seus directores, mostrando o ótimal estado financeiro em que se encontra aquele estabelecimento de credito.

Mercado semanal

Os preços dos cereaes no nosso mercado, medida 17, 373, sam os seguintes:

Milho branco	560
» amareló	520
» alvo	900
Trigo	940
Centeio	600
Feijão branco	760
» Amareló	700
» vermelho	840
» rajado	600
» fradinho	1\$000
» preto	900
» manteiga	640
» mistura	600
Painço	800
Tremoços	480
Batatas cada 15 quilos	480
Vinho, pipa de 539 litros a	28\$000

ANUNCIOS

CONCURSO

A Comissão Municipal de Barcellos, devidamente auctorizada, faz publico que se acha aberto concurso documental — pelo tempo de 30 dias a contar da segunda publicação d'este no «Diario do Governo» — para o provimento do lugar de thezoureiro do concelho, com o ordenado annual correspondente a dois por cento da receita effectivamente cobrada por elle, excluindo a preveniente de subsidios, empréstimos e rendimentos cobrados pelos exactores da Fazenda publica, devendo prestar hypotheca, em bens, no valor de tres contos de reis e apresentar fiador idoneo, sendo o requerimento, pedindo o provimento, feito nos termos do artigo 2.º do decreto de 24 de dezembro de 1892 e instruido com os documentos n.º 1.º e 4.º, inclusivé, d'esse artigo, bem como certidão de exame de 1.º grau de instrução primaria.

Barcellos e Paços do Concelho, 14 de fevereiro de 1911. E eu, João José de Abreu do Couto de Amorim Novaes, secretario o escrevi.

O presidente,

João Cardoso d'Albuquerque.

Editos de 50 dias

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Barcellos e cartorio do escrivão do quinto officio, Terroso, na acção ordinaria, hoje em execução de sentença, promovida pelos exequentes João Luis da Silva e mulher Joaquina Gomes Fernandes, proprietarios, da freguesia

de São Romão da Ucha, d'esta mesma comarca de Barcellos, contra os executados Patricio Fernandes do Penedo e mulher Maria Ludovina Gonçalves, proprietarios, da freguesia de Cabanelas, comarca de Villa Verde, mas ausentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil — correm editos de cinquenta dias, a contar da publicação do ultimo annuncio no «Diario do Governo», cituado os mesmos executados Patricio Fernandes do Penedo e mulher, para assistirem a todos os termos até final da referida execução de sentença, e especificadamente para dentro do praso de dez dias, que se contarão passado que seja o praso dos editos, pagarem aos exequentes João Luis da Silva e mulher, a quantia de trescentos e treze mil trescentos noventa e nove reis, liquidada em vinte e oito de novembro ultimo na dita acção ordinaria, hoje em execução de sentença, e, bem assim, os juros, desde a liquidação, e custas que a final se liquidarem, ou no mesmo praso nomearem á penhora bens sufficientes para o pagamento de tudo, sob pena de, findo esse praso, se haver por convertido em penhora o arresto feito aos mesmos executados, por appenso áquella acção ordinaria, e de se devolver aos exequentes o direito de nomeação, seguindo-se os ultiores termos da mesma execução.

Barcellos, 20 de Fevereiro de 1911.
Verifiquei,

O juiz de direito,

Arriscado de Lacerda

O escrivão-ajudante,

Hylario Candido Barreiros d'Oliveira.

ARREMATACÃO

(2.ª publicação)

No dia 5 de março proximo por 12 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, ha-de ter lugar a venda por arrematação do seguinte:

PREDIO ALLODIAL

Uma morada de casas torres e terras e terras com seus commodos e junto eirado de lavradio e horta com ramadas e arvores de vinhas, situadas no lugar do Bacello, freguezia de Viatodos, no valor de 595\$000.

Este predio é arrematado em virtude do deliberado no inventario orfanologico a que se procede por obito de Antonio de Araujo Pereira, viuvo que foi da freguezia de Viatodos, e em que é cabeça de casal, a filha Anna da Silva Araujo, da mesma freguezia.

Pelo presente são citados todos os credores incertos do inventariado para assistirem á arrematação e mais termos do processo.

Barcellos, 4 de Fevereiro de 1911
Verifiquei,

Juiz de ODireito,

Arriscado de Lacerda

O escrivão substituto,

José Casimiro Alves Monteiro.

BANCO de BARCELLOS

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

O dividendo de 3 e 1/2 por cento, ou reis 1\$750 por acção, relativo ao 2.º semestre de 1910, paga-se na sede do Banco, e em casa dos sos. Manoel Pereira Penna & C.ª, praça de Carlos Alberto, Porto.

Barcellos, 15 de Fevereiro de 1911.

Os gerentes,

Augusto Casimiro Alves Monteiro,
Domingos de Figueiredo,
João Carlos Vieira Ramos.